



A Santa Sé

PAPA BENTO XVI

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 26 de Agosto de 2009

Prezados irmãos e irmãs

Já nos aproximamos do final do mês de Agosto, que para muitos significa a conclusão das férias de Verão. Enquanto se volta às actividades quotidianas, como deixar de dar graças a Deus pelo dom precioso da criação, a qual é possível desfrutar, e não só durante o período das férias! Os diferentes fenómenos de degradação ambiental e as calamidades naturais que infelizmente, não raro, a crónica regista, evocam-nos a urgência do respeito devido à natureza, recuperando e valorizando, na vida de todos os dias, uma relação correcta com o meio ambiente. No que se refere a estes temas, que suscitam a justa preocupação das Autoridades e da opinião pública, vai-se desenvolvendo uma nova sensibilidade, que se exprime na multiplicação de encontros, também no plano internacional.

A terra é um dom precioso do Criador, que delineou os ordenamentos intrínsecos, indicando-nos assim os sinais orientativos que devemos respeitar como administradores da sua criação. É precisamente a partir desta consciência, que a Igreja considera as questões ligadas ao meio ambiente e à sua salvaguarda intimamente vinculadas ao tema do desenvolvimento humano integral. Referi-me várias vezes a estas questões na minha última encíclica *Caritas in veritate*, evocando a "urgente necessidade moral de uma renovada solidariedade" (n. 49), não apenas nas relações entre os países, mas também entre os homens individualmente, porque o ambiente natural é oferecido por Deus a todos, e o seu uso comporta uma nossa responsabilidade pessoal por toda a humanidade, de modo particular pelos pobres e as gerações futuras (cf. *ibid.*, n. 48). Sentindo a comum responsabilidade pela criação (cf. *ibid.*, n. 51), a Igreja não apenas está comprometida em promover a defesa da terra, da água e do ar, oferecidas pelo Criador a todos, mas sobretudo compromete-se em proteger o homem contra a destruição de si mesmo. Com efeito, "quando a "ecologia humana" é respeitada dentro da sociedade, beneficia também a

ecologia ambiental" (*Ibidem*). Não é porventura verdade que o uso desconsiderado da criação começa lá onde Deus é marginalizado ou onde se chega a negar até a sua existência? Se vier a faltar a relação da criatura humana com o Criador, a matéria fica reduzida a uma posse egoísta, o homem torna-se "a última instância" e a finalidade da existência reduz-se a ser uma corrida ofegante para possuir quanto mais possível.

Portanto a criação, matéria estruturada de modo inteligente por Deus, está confiada à responsabilidade do homem, que é capaz de a interpretar e de a voltar a modelar activamente, sem se considerar seu senhor absoluto. Ao contrário, o homem é chamado a exercer um governo responsável para a conservar, fazer frutificar e cultivar, encontrando os recursos necessários para uma existência digna de todos. Com a ajuda da própria natureza e com o empenho do seu trabalho e da sua inventiva, a humanidade é verdadeiramente capaz de cumprir o grave dever de transmitir às novas gerações uma terra que, também elas por sua vez, poderão habitar de maneira digna e cultivar ulteriormente (cf. *Caritas in veritate*, 50). Para que isto se realize, é indispensável o desenvolvimento "daquela aliança entre ser humano e ambiente, que deve ser espelho do amor criador de Deus" (*Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2008*, n. 7), reconhecendo que todos nós derivamos de Deus e rumo a Ele estamos todos a caminho. Então, como é importante que a comunidade internacional e os governos individualmente saibam oferecer os sinais justos aos próprios cidadãos, para contrastar de modo eficaz as modalidades de utilização do meio ambiente que lhe sejam prejudiciais! Os custos económicos e sociais, derivados do uso dos recursos ambientais comuns, reconhecidos de maneira transparente, devem ser assumidos por aqueles que os usufruem, e não por outras populações, nem pelas gerações futuras. A salvaguarda do meio ambiente, a tutela dos recursos e do clima exigem que os responsáveis internacionais ajam de forma conjunta, no respeito pela lei e pela solidariedade, principalmente em relação às regiões mais débeis da terra (cf. *Caritas in veritate*, 50). Em conjunto, podemos construir um desenvolvimento humano integral, em benefício dos povos, presentes e futuros, um desenvolvimento inspirado nos valores da caridade na verdade. A fim de que isto se verifique, é indispensável transformar o actual modelo de desenvolvimento global numa tomada de responsabilidade, maior e mais compartilhada em relação à criação: exigem-no não só as emergências ambientais, mas inclusive o escândalo da fome e da miséria.

Estimados irmãos e irmãs, demos graças ao Senhor e façamos nossas as palavras de São Francisco, no Cântico das criaturas: "Senhor altíssimo, onnipotente e bom, teus são os louvores, a glória, a honra e todas as bênçãos... Louvado sejas, ó meu Senhor, com todas as tuas criaturas".

Assim rezava São Francisco. Também nós queremos orar e viver no espírito destas palavras.

Saúdo todos os peregrinos de língua portuguesa, nomeadamente os grupos do Coral de Vila Real e de Mogi das Cruzes, desejando que esta visita ao Sucessor de Pedro fortaleça a vossa fé e vos ajude a irradiar o Amor de Deus na própria casa e na sociedade. O Pai do Céu derrame os seus dons sobre vós e vossas famílias, que de coração abençoe.

© Copyright 2009 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana